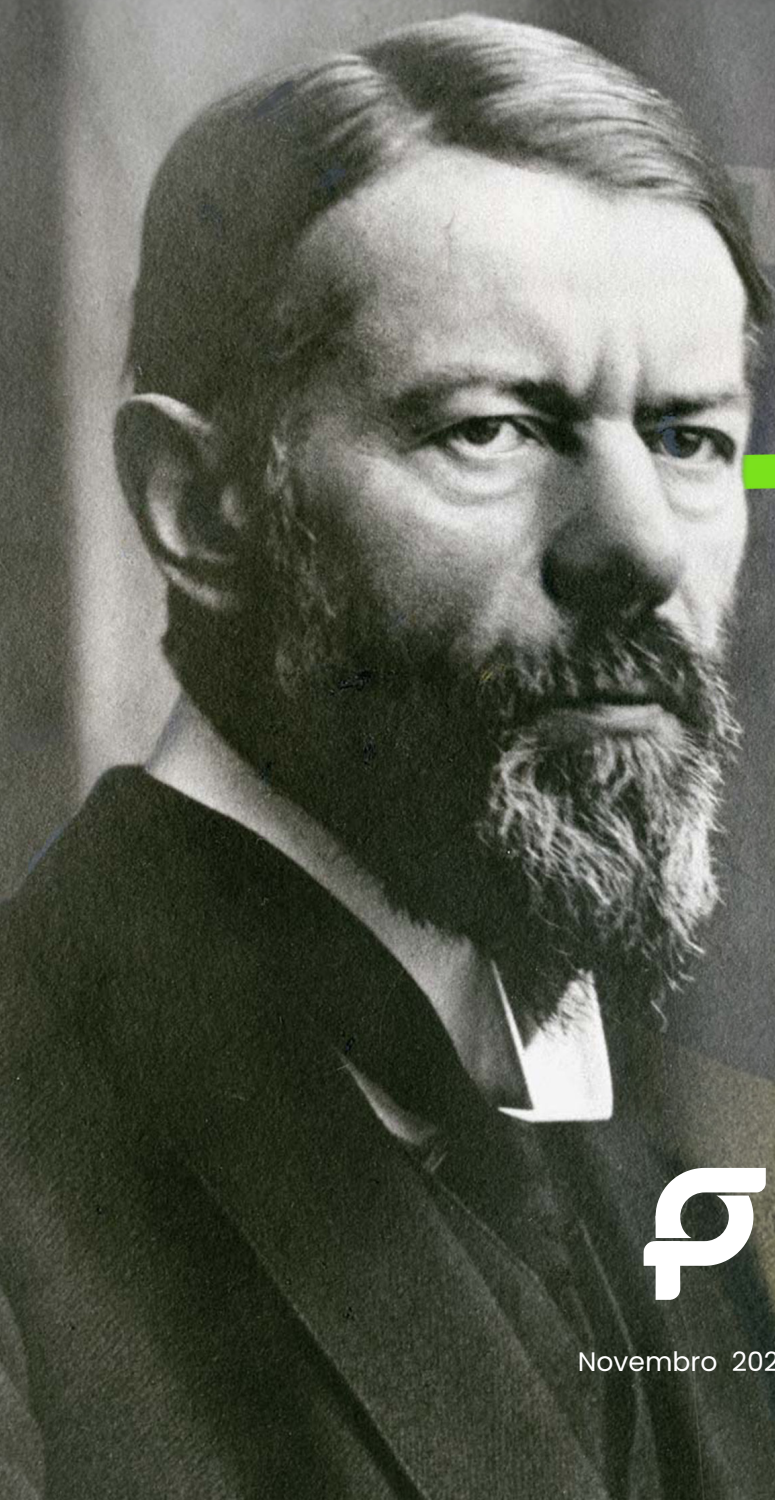


ACERVO TEMÁTICO:

A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo no Brasil de Hoje



fundação
juntos
podemos
construindo pontes,
transformando a política

Novembro 2025 | São Paulo – SP

Buscando entender como e porque um certo tipo de capitalismo, “sóbrio” e racional, se desenvolveu mais no chamado ocidente do que em outras partes do mundo, Weber realizou uma potente pesquisa histórica publicada em seu livro *A ética protestante e o espírito do capitalismo*.

A fim de explicar a questão posta acima Weber desenvolve sua investigação histórica e sociológica buscando um elemento que seria específico ao ocidente. A esse elemento Weber chamou de racionalização. Vamos ver o que Weber entende por isso.

A racionalização que teve lugar no mundo ocidental é compreendida como um longo processo no qual várias esferas da vida passaram por uma tendência à secularização, isto é, pelo declínio das formas religiosas e místicas de explicação do mundo, dando lugar ao desenvolvimento de formas estritamente sistemáticas de organização do pensamento. Essa tendência pode ser observada nas mais diversas áreas, como nos mostra Weber já na introdução ao referido livro. Seus exemplos são diversos:

A música, que se faz presente em inúmeras sociedades em diferentes tempos históricos, passou pelo processo de racionalização no ocidente, que criou intervalos racionais de tons, matematicamente calculados, além da harmonia racional e dos sistemas de notação. Enfim, a complexa teoria

musical e a enorme complexidade que é a composição de uma orquestra sinfônica são exemplos da racionalização ocidental da música.

O mesmo processo ocorre com as ciências. Existem conjuntos de saberes complexos desde a antiguidade, e nos mais diferentes povos, mas é apenas no ocidente que ocorre a busca racional, sistemática e especializada do conhecimento, com a existência de pessoal treinado e especializado em cada área do conhecimento, que vai se subdividindo e se especializando cada vez mais.

Como não seria diferente, a atividade econômica no ocidente também passou por esse processo de racionalização, que inclui o cálculo racional, “frio” e impessoal, e a busca sistemática e organizada do lucro. É a origem desse capitalismo moderno que Weber está buscando entender, e isso passa pelo processo de racionalização. Assim Weber nos diz que a novidade do capitalismo moderno não é a busca do lucro, pois esta busca sempre existiu em diversas sociedades que teriam sido marcadas pelo “capitalismo aventureiro”, isto é, grupos que buscavam ganhos financeiros em empreendimentos arriscados, que não encontravam continuidade nem contavam com um cálculo sistematizado.

A novidade do capitalismo moderno seria então a de que a ação econômica capitalista se baseia na expectativa

de lucro através da utilização das oportunidades de troca, mas trata-se aqui de uma ação racionalmente calculada, que exige modernas técnicas de contabilidade e a disposição do trabalho organizado como trabalho assalariado. A moderna empresa capitalista, nos diz Weber, exige uma organização racional que não teria sido possível sem a presença de dois elementos: 1) A separação espacial entre o local do trabalho e a residência. 2) O desenvolvimento de uma contabilidade racional, com modernos cálculos e a separação contábil e jurídica entre os bens da empresa e do indivíduo proprietário. Junto com isso também ocorreu o desenvolvimento racional do direito.

O que podemos dizer então é que o desenvolvimento do moderno capitalismo tal como ocorreu no ocidente não teria sido possível sem esse processo de racionalização que se espalhou para diversas esferas da vida, inclusive a econômica.

Mas o que explicaria esse processo de racionalização da vida e de toda uma sociedade?

Por meio da pesquisa histórica Weber busca em elementos da vida religiosa, que se manifestaram em um determinado lugar, a origem de um etos, uma forma de conduta de vida um tanto peculiar e que fora praticada pelos primeiros empresários capitalistas

europeus.

A sociologia para Weber não pode produzir uma explicação do mundo social como se este formasse uma realidade dissociada das ações dos indivíduos, como se houvesse um grande sistema independente das ações destes. Assim, para compreendermos a realidade social é necessário que compreendamos as condutas dos indivíduos.

Pensando com Weber poderíamos dizer o seguinte: Não existe um “sistema capitalista” que possua uma lógica própria e autônoma independente das ações capitalistas. O que é possível de ser investigado é como e porque os indivíduos de uma sociedade agem “capitalisticamente”, isto é, porque encontramos indivíduos pré-dispostos a agir de maneira capitalista, a empreender em busca de ganhos e a reinvestir esses ganhos buscando expandir seus negócios, a acumular capital indefinidamente.

Assim, Weber vai buscar respostas a essa questão geral investigando a gênese do capitalismo moderno no etos dos primeiros empresários capitalistas europeus. E aqui chegamos ao grande achado de sua pesquisa: O etos protestante foi uma das fontes da racionalização da vida que contribui para formar o “espírito do capitalismo”.

Para isso Weber investiga as condutas presentes nos primeiros empresários, que eram oriundos de certas camadas de protestantes calvinistas, e encontra uma

determinada forma de conduta da vida que guarda forte relação com o elemento religioso. Uma questão central para esses calvinistas era a predestinação e, com a Reforma Protestante, essa questão passava mais pela conduta intramundana do que com a mera obediência de dogmas da Igreja ou de um elemento puramente espiritual e contemplativo. Assim, suas condutas são guiadas pela dedicação na vida para garantir a salvação, e essa dedicação passa pela busca do êxito o trabalho como confirmação de uma vocação.

Com a Reforma o acúmulo de riquezas não era mais visto como pecado. O que é condenável é o ócio, o mero desfrute dos bens e riquezas e a entrega aos prazeres da vida sem labuta. Esse êxito no trabalho, aqui entendido como espécie de empreendimento, exigia um comportamento racionalizado, calculado, com boa dose de disciplina. Assim, o sucesso implica um esforço, uma gestão racional dos negócios, aliado à busca da prosperidade material. Obter lucro não apenas não é mais pecado como é preciso reinvesti-lo para ampliar os negócios.

Repare como iniciamos falando de uma conduta que tem origens religiosas e terminamos falando da lógica econômica capitalista: Busca do lucro, reinvestimento desse lucro, expansão, acúmulo de capital.

O que Weber nos mostra é que

motivações psicológicas indispensáveis para a prática capitalista têm origem nas crenças e práticas religiosas. Isso não quer dizer que a ética protestante tenha sido a única “causa” do desenvolvimento do capitalismo. Quer dizer que o capitalismo, tal como se desenvolveu no ocidente, teve como uma de suas causas esse elemento, um tipo de conduta que catalisou o capitalismo moderno.

Em outras palavras, uma determinada lógica econômica encontrou em um certo lugar e certo momento da História, indivíduos pré-dispostos a agir de maneira totalmente adequada a essa lógica, produzindo um determinado tipo de capitalismo: O moderno capitalismo ocidental.

Embora sua tese seja sobre a passagem o desenvolvimento do capitalismo europeu, podemos traçar muitos paralelos com o Brasil atual, onde as pesquisas indicam haver uma transformação no perfil religioso do país, com as religiões neopentecostais tomando cada vez mais o lugar do catolicismo clássico.

Se olharmos para as periferias de hoje certamente vamos encontrar muitos adeptos dessas religiões, onde tem predominado uma espécie de teologia da prosperidade. Nos mesmos lugares onde predominava, nos anos 1980, a teologia da libertação.

Essas mudanças religiosas talvez possam ser compreendidas, seguindo a chave analítica weberiana,

como fortemente conectadas às transformações sociais e políticas pelas quais o país vem passando, o que se traduz inclusive em mudanças no comportamento político e eleitoral de parte expressiva da população.

É preciso estar atento a isso se quisermos compreender melhor o país que se desenha no futuro próximo.



Felipe Calabrez

É Doutor em Administração Pública e Governo pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (EAESP-FGV), com Pós-Doutorado pelo Instituto de Estudos Políticos de Paris (Sciences Po). É pesquisador pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Representação e Legitimidade Democrática (ReDem) e autor do livro Introdução à Economia Política: O percurso histórico de uma ciência social.